

A emergência do homem no Nordeste

Com o desenvolvimento da pesquisa científica, o debate entre os arqueólogos se concentra, hoje, em torno da emergência do homem no Nordeste: antes ou depois dos 12.000 anos anteriores à era cristã. Com efeito, as datações em debate levam a pensar que o homem pode ter penetrado no atual território brasileiro há 50 mil anos, atravessando os corredores andinos e seguindo os cursos dos rios que nascem na cordilheira.

As vias mais antigas do povoamento, na pré-história do Nordeste, são ainda desconhecidas, mas uma série de indícios parece apontar para as terras altas de tipo savana, de Goiás, e para as bacias dos rios Parnaíba e São Francisco. Os grupos humanos que povoaram o Brasil circularam pelas chapadas, atraídos pelos *brejos*. A existência dessa espécie de oásis, em meio à região seca do sertão, permitiu, a esses grupos, o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência.

O Nordeste oferece grandes possibilidades para a arqueologia, com temas fascinantes relacionados à ocupação humana na pré-história. Em termos de pesquisa científica, o sudeste do Piauí, com o Parque Nacional da Serra da Capivara, é a área mais bem estudada. Entretanto, para um conhecimento profundo das sociedades indígenas que precederam a colonização, é necessário um estudo sistemático dessa realidade, pois há evidências da presença humana pré-histórica em todo o Nordeste, com milhares de sítios mais ou menos bem conservados.

O Nordeste pré-histórico apresenta-se com tradições líticas (relativas à pedra), cerâmicas e rupestres de ampla dispersão, através de grandes distâncias e ampla temporalidade, principalmente nos dez mil anos que precedem a era cristã.

Três correntes, com suas características culturais próprias, deixaram notáveis registros pintados e gravados nos abrigos e paredões rochosos da região: a *Tradição Nordeste*, demonstrando a adaptação ao meio ambiente da época por parte de grupos humanos de caçadores, que deixaram belíssimas marcas de sua presença em todos os estados nordestinos, com grafismos (figuras humanas, de animais e de objetos e fitomorfas) e temas reconhecíveis (representando ações ou movimentos); a *Tradição Agreste*, expressão de grupos étnicos diversos com características culturais diferentes, com figuras também reconhecíveis, mas sem movimento; e a *Tradição Itaquiara*, com gravuras sobre rochas que não permitem reconhecimento.

No sul do Ceará, na Chapada do Araripe, a meio caminho entre o enclave de São Raimundo Nonato, no Piauí, e a área arqueológica também muito rica do Seridó, no Rio Grande do Norte, encontram-se coleções de materiais líticos e cerâmicos, bem como registros rupestres pintados e gravados nos paredões dos abrigos e nos afloramentos rochosos do vale. O estudo dessas coleções e desses registros, devidamente orientado pela Universidade Federal de Pernambuco, é promissor e se desenvolve atualmente com a participação das comunidades envolvidas.